

Jornal da Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 26, nº1 julho de 2023

Adicções e Dependências

Reflexões e Transformações

Jornada Científica da SBPdePA 2023

31/08 a 02/09 - Evento híbrido/Hotel Hilton Porto Alegre



SBPdePA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Editorial



Esta edição do Jornal da Brasileira tem o mesmo tema da Jornada Científica de 2023 da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre: Adicções e Dependências/Reflexões e Transformações. A escolha foi feita com entusiasmo, vislumbrando a perspectiva de profícuas trocas de saberes, experiências e reflexões a propósito de assunto tão complexo e instigante, que preocupa toda a sociedade e cada vez mais tem sido motivo de sofrimento, problemas sociais, bem como de situações e sintomas nos consultórios psicanalíticos.

Os vícios fazem parte da história. Muitos recorrem a uma adicção diante do desamparo do desconhecido, tentando sobreviver psicologicamente. Em nossos tempos, os objetos adictivos parecem multiplicar-se, indo além da droga, do álcool, dos jogos e passando pelas telas, pelo consumo, pelos relacionamentos, pelo esporte, pelo sexo. Nas múltiplas formas de se apresentar, as adicções têm raízes profundas no psiquismo humano. A psicanálise, como método terapêutico e como compreensão do ser humano, tem muito a oferecer na compreensão e na abordagem desses problemas.

As adicções e dependências representam um campo de estudo e intervenção complexo na psicanálise contemporânea, e a Jornada Científica da Brasileira de 2023 tem a satisfação de aproximar expoentes teóricos e clínicos da atualidade para explorar essas questões e conceitos, possibilitando reflexões abrangentes e ampliando a nossa possibilidade de compreensão sobre os fenômenos adictivos e os desafios enfrentados nos tratamentos dessas situações.

Dentre os convidados da Jornada, destacamos a presença de Claudia Spadazzi, Decio Gurfinkel, José Zusman, Mark Solms e Norberto Marucco trazendo suas profundas e particulares visões.

Claudia Spadazzi destaca a importância da dimensão relacional nas adicções e dependências. Ela ressalta que tais comportamentos estão enraizados em dinâmicas de apego, vínculos e nos convida a explorar experiências precoces e o impacto dos relacionamentos na manutenção das dependências. Em sua perspectiva, Spadazzi nos permite compreender como as adicções podem funcionar como tentativas de preencher vazios afetivos e de lidar com a solidão e o isolamento emocional.

Decio Gurfinkel traz uma abordagem psicanalítica que enfatiza o papel das relações objetais e dos traumas precoces na formação das adicções e dependências. Ele destaca que as adicções podem ser vistas como resultado de um apego patológico, em que o indivíduo busca satisfazer suas necessidades emocionais através de objetos externos. Gurfinkel nos convida a explorar os vínculos emocionais disfuncionais e a trabalhar na construção de relações mais saudáveis. Ele nos convida a investigar os desejos que motivam as adicções, explorando a relação entre o desejo, a falta e a busca por completude.

José Zusman, por sua vez, oferece uma perspectiva clínica profunda que ressalta a importância da transferência e da contratransferência na relação terapêutica sobre as adicções e dependências, enfoca a dimensão do sentido e da liberdade na compreensão das adicções e dependências. Para ele, esses comportamentos podem estar relacionados à falta de sentido na vida, à alienação de si mesmo e à

Jornal da Brasileira

EXPEDIENTE

Editora:

Sandra Gehling Bertoldi

Conselho Editorial:

Fátima Fedrizzi

Júlio Sperb

Assistente Editorial e Revisão:

Lorraine Luz

Diagramação:

Marcelo Teixeira

Capa:

Micaela Feijó Wünsch

Secretária:

Rosimere Silvano da Cunha

DIRETORIA

Presidente:

Astrid Elisabeth Muller Ribeiro

Vice-presidente:

Cesar Antunes

Diretoria Administrativa:

Augusta Gerchmann

Tesoureiro:

Rodrigo Boettcher

Diretora Científica:

Cibele Formel Couto

Diretora de Comunicação:

Sandra Gehling Bertoldi

Diretora de Divulgação:

Heloise Zimmermann

Diretora de Comunidade e Cultura:

Vera Hartmann

Diretora do Centro de Atendimento**Psicanalítico:**

Rosa A. Avritchir

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:

Laura Ward da Rosa

Secretária:

Lísia Leite

Coordenador da Comissão de Formação:

Lorens Pedro Meller

Coordenadora da Comissão de Seminários:

Christiane Paixão

Coordenadora da Comissão de Formação Integrada em Psicanálise da Infância e da**Adolescência:**

Aline Pinto

DIRETORIA DA AMI

Presidente:

Ian Favero Nathasje

Vice-Presidente:

Júlio Sperb

Secretária:

Cristiane Felix Schlindwein

Tesoureira:

Karla Aquino

Conselheiro Egresso:

Renata Manica

Conselheiro MI:

Giuliana Chiapin

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07, Moinhos de Vento
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857

www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

perda de conexão com seus valores e propósitos. Zusman destaca que o terapeuta deve estar atento aos seus próprios conflitos e emoções relacionados às adicções, a fim de poder oferecer um espaço terapêutico adequado. Ele também nos lembra que o tratamento das adicções requer paciência, respeito e uma compreensão aprofundada da subjetividade única de cada indivíduo.

Mark Solms, com sua perspectiva neuro psicanalítica, convida a considerar a interação entre a mente e o cérebro na compreensão das adicções e dependências. Argumenta que os mecanismos cerebrais subjacentes às adicções não podem ser separados da experiência subjetiva do sujeito. Através dessa abordagem, busca compreender como as emoções, as motivações e as experiências afetivas influenciam os comportamentos adictivos.

Norberto Marucco destaca uma visão psicanalítica que se concentra nas dimensões emocionais e afetivas das adicções e dependências. Ele enfatiza que as adicções podem ser compreendidas como uma estratégia de enfrentamento para lidar com traumas, conflitos não resolvidos e afetos dolorosos, como a ansiedade, a tristeza e a solidão. Marucco ressalta que, muitas vezes, as adicções surgem como um mecanismo de defesa contra um sofrimento psíquico, oferecendo uma fuga temporária de afetos perturbadores.

Na nossa contracapa, apresentamos a programação da Jornada Científica de 2023, mostrando a riqueza de temas a refletir, tanto com os nossos convidados como com a prata da casa.

Sandra Gehling Bertoldi

Editora e Diretora de Comunicação

Palavras da presidente



Estamos passando para o último semestre de nossa gestão 21/23. Acompanhamos a realização de muitos trabalhos, desde várias áreas que a psicanálise se encarrega, a partir dos alicerces deixados por Freud, que defendia a importância da transmissão de suas descobertas e da utilização dessa prática em toda a comunidade, além de nossos consultórios. Ampliamos “tecnologicamente” o espaço físico de nossa sede para acolher todas as atividades científicas desenvolvidas para quem comparecesse presencialmente, bem como para os que só poderiam nos acompanhar *on-line*.

As demandas por muitas atividades científicas foram resultado de ofertas de nossos membros que hoje contam com dois grupos de estudos, três núcleos de estudos, o projeto social Ubuntu, os já conhecidos seminários abertos, com a participação de nossos membros do Instituto e também de público externo, frente a importantes temas

Passamos a nos questionar sobre os motivos da manutenção desse ritmo que leva, por vezes, a colisão em nossas agendas.

propostos; o Serviço de Atendimento Psicanalítico (CAP), a Diretoria de Comunidade, a AMI (Associação de candidatos), todos promovendo suas próprias atividades e sob a nossa coordenação científica. A nossa participação ativa junto aos demais órgãos componentes da IPA, Fepal e Febrapsi torna a psicanálise profícua e criativa, levando-nos a questionar o nosso ritmo frenético, ao mesmo tempo em que nos encontrávamos carentes de encontros como resultado dos tempos de isolamento da pandemia. Passamos a nos questionar sobre os motivos da manutenção desse ritmo que

leva, por vezes, a colisão em nossas agendas. Ainda assim, estivemos muito envolvidos na realização de nossa Jornada realizada bianualmente.

Nosso pensamento se alia às ideias bem-vindas de Bernard Chervet, candidato à presidência da IPA 2023 e que nos brindou com sua presença, debatendo o artigo publicado na Revista TRIEB,

vol.2, no. 2, "Formação psicanalítica com fim e sem fim: transmissão, formação e falta".

Segundo Chervet, a formação analítica é contínua, interminável e é na sua transmissão que deverá residir a ética. Essa continuidade ocorre por meio do grande número de eventos que os psicanalistas organizam e dos quais participam, atualizando permanentemente o conhecimento graças às trocas entre seus pares, de forma que: "Trata-se de retomar a transferência de autoridade por meio de um compartilhamento inter-analítico, isto é, de considerar a existência de tendências regressivas ativas no seio de nossa identidade de analistas, assim como também de negá-las, refletindo nos funcionamentos institucionais conforme se observa nas restrições progressivas de suas crises e cisões e as propensões das idealizações e ao surgimento de personagens carismáticos" (pág. 66).

Assim, a formação psicanalítica atrelada à busca por ideais poderia dissimular nossa vulnerabilidade entre outras tendências intrapsíquicas ativas presentes no próprio processo de formação, opondo-se a novas aquisições, tanto a nível do funcionamento psíquico como dos conhecimentos adquiridos. As identificações recíprocas que vivemos com os processos psíquicos de outro, sua capacidade e conhecimentos são também enriquecidos dinamicamente por uma aculturação sem fim, marcando a oscilação que vivemos entre nosso trabalho clínico solitário e nossos encontros científicos em grupos.

Chervet acredita que repousa em cada um de nós "... tendências pulsionais a apagar nossa capacidade e nosso conhecimento, seja por meio de uma regressão direta, seja por uma idealização que tende ao infinito para além do todo conteúdo... Essas forças misteriosas ativas no apagamento e na inscrição explicam o número de atividades das quais participamos e o tempo que disponibilizamos a elas, atividades que se reúnem sob o termo formação".

Essas tendências estariam relacionadas ao nosso masoquismo erógeno tão necessário e vital, observado no nosso funcionamento e das instituições, justificativa possível para a ansiedade revelada por meio de produções científicas, bem como da necessidade de promover-se encontros científicos.

Nessa esteira e independentemente dessas reflexões, realizamos, este ano, a XV Jornada

Científica Bianaual da SBPdePA, de 31 de agosto a 2 de setembro, com o tema "Adicções e Dependências – Reflexões e Transformações", mantendo a tradição de realizarmos jornadas de alto nível científico.

A escolha do tema, que acompanha a edição do Jornal da Brasileira, se deu porque, durante o período de isolamento e no retorno, após o controle da pandemia da covid-19, observou-se nas pessoas uma forte dependência de aparelhos eletrônicos e de se manterem conectadas à internet. Igualmente, foi significativo o aumento de todos os tipos de adicções, tais como alimentares, exercícios, tatuagens, sexo, trabalho, jogos, álcool, drogas em geral, bem como por medicações – aumento este sempre verificado em períodos de muita ansiedade, medos e perdas significativas.

O nosso objetivo foi procurar desenvolver não apenas a temática do uso de substâncias, como habitualmente se associa a essa palavra, mas também pensarmos em nossas próprias adicções, buscando o entendimento das origens desta dependência por vezes indomável, mesmo quando conscientes dela. McDougal referia que se poderia entender essa adicção como uma economia psíquica, caracterizada por uma espécie de escravidão a quantidades, condição em que os conflitos não se resolvem pela via psíquica ou simbólica, mas por uma economia pulsional projetada sobre o corpo como forma de livrar-se dos afetos insuportáveis.

Acreditamos ser possível compreendermos esse complexo fenômeno que nos tocou diretamente pelo viés da psicanálise, e, para tanto, contamos com a participação de cinco convidados, expoentes nacionais e internacionais, oferecendo cursos, temas livres com direito à premiação pelo melhor trabalho, conferências e mesas redondas.

Além da jornada, são organizadas outras atividades culturais e científicas, impulsionando o crescimento de nossa instituição. Com visão estratégica e abordagem inovadora, a diretoria conseguiu superar desafios e alcançar resultados significativos no seu funcionamento frente a tantas consequências que a pandemia deixou, desde o quadro funcional ao significativo aumento de nossa membresia, hoje contamos com 185 membros. Nossos colegas se alçaram a escrever e passar a membro associado e membro titular, ao mesmo tempo em que ocorreu grande procura pela formação analítica. Sabemos não ser por acaso, uma

O nosso objetivo foi procurar desenvolver não apenas a temática do uso de substâncias, como habitualmente se associa a essa palavra, mas também pensarmos em nossas próprias adicções...

vez que passamos por intenso sofrimento psíquico desde o afastamento e o isolamento até as perdas sofridas, e a sublimação, como Freud apontou, é um dos destinos pulsionais.

Foram realizadas outras atividades científicas internas e externas com convidados internacionais, como Anne Brun, Gianna Williams, Claude Smadja, Mariano Horenstein. Realizamos eventos para a comunidade, entre cursos, teatro e debates sobre filmes.

A Diretoria de Divulgação inovou ao produzir podcasts que já estão no ar, sendo 12 episódios já gravados e inseridos no Spotify, expandindo para extramuros o pensamento da psicanálise e de sua inserção na cultura.

Quero destacar a conquista da Diretoria de Comunicação, transformando a Revista Psicanálise para formato digital e possibilitando a todos, públicos interno e externo, acessá-la, seja por edição ou pelos seus artigos por títulos e temas, além de também ampliar sua indexação com o propósito de qualificá-la.

Nosso Serviço de Atendimento Psicanalítico (CAP), neste momento, conta com uma grande procura nunca antes observada, resultado da qualidade de sua divulgação e de atividades científicas dentro da temática da prática clínica.

E, por todo crescimento que a instituição vive, foi necessária a criação de uma diretoria destinada a reorganizar a área administrativa e financeira para seu melhor funcionamento pela expansão de nossa estrutura na sede da sociedade.

Outro momento marcante na história da sociedade deu-se com o ingresso na formação analítica da primeira bolsista selecionada por meio do inovador Projeto Ubuntu, criado e aprovado na gestão passada. A iniciativa já conta com outra postulante selecionada para iniciar formação no próximo semestre. Além disso, nossa sociedade foi consagrada com a premiação do trabalho enviado pela Comissão do Projeto Ubuntu, coordenado pela colega Ane Marlise Port Rodrigues. Recebemos a premiação, com a coirmã SBPRJ, outorgada pelo Comitê IPA na Comunidade e Mundo na área de Preconceito, Discriminação e Racismo, a ser entregue no Congresso IPA/Cartagena 2023. O trabalho foi considerado uma valiosa contribuição nas questões de formação psicanalítica para o ingresso de colegas negros e indígenas nos institutos de psicanálise da IPA. Foi um ano marcado por muitas participações

deste grupo, em vários outros espaços e instituições psicanalíticas, para tratar do tema racismo, elevando o status de nossa sociedade como uma referência nacional e internacional nessa temática. Isso graças a muito investimento, tanto de nossa instituição como o oriundo da garra e da determinação deste grupo ao qual agradecemos todo o empenho.

Em outras frentes de desenvolvimento da psicanálise, temos a satisfação de ter atualmente como representantes nas instituições psicanalíticas as colegas Denise Zimpeck, como secretária da Febrapsi, e Ana Rosa Trachtenberg, como presidente da ABPCF, além de Thercio Brasil (membro do Instituto), como presidente da Ocal. São espaços que nos conectam diretamente a lugares de troca, experiências e trabalhos conjuntos.

Mais uma conquista ocorreu com o ingresso da SBPdePA no CPLF, passando a estar entre as seis sociedades brasileiras que participam do grupo destinado a estudar os relatórios preparatórios aos Congressos de Psicanálise da Língua Francesa no Brasil e na França. A 83ª edição desse encontro, ocorrido em maio de 2023, em Lausanne (Suíça), com o tema Afeto, contou com a participação de nossa colega Ester Litvin, como debatedora em uma das mesas, representando nossa sociedade na reunião com os presidentes presentes. Sua participação inaugurou novo espaço de estudos e intercâmbio sobre autores franceses em nossa sociedade, motivando a realização de dois simpósios de estudos da Psicanálise de Língua Francesa na Brasileira.

Importante momento para o crescimento científico foi a passagem de Grupo de Estudos sobre Racismo e Colonialismo para Núcleo de Estudos, após três anos de estudos aprofundados, participação em jornadas e produção científica reconhecida, hoje sob coordenação de Janine Severo.

Todo esse trabalho e as conquistas alcançadas muito honram a nossa sociedade, tornando-a mais reconhecida por sua força científica. Agradeço a todos, em especial a nossa diretoria pelo apoio e envolvimento nessas atividades e conquistas. Continuaremos sempre buscando o crescimento científico e a troca de conhecimento ao promover a transmissão da psicanálise, que é nosso objetivo maior.

Outro momento marcante na história da sociedade deu-se com o ingresso na formação analítica da primeira bolsista selecionada por meio do inovador Projeto Ubuntu.

Astrid E. M. Ribeiro
Presidente

Projeto Ubuntu tem reconhecimento da IPA

Comitê da IPA na Comunidade e Mundo na área de Preconceito, Discriminação e Racismo premia projeto para o 53º Congresso da IPA – A mente na linha de fogo – a ser realizado em Cartagena, em julho de 2023

A partir de 18 de julho de 2020, ocorre na SBPdePA uma abertura para a discussão e o enfrentamento do racismo institucional resultante do racismo que impregna a estrutura social e econômica do Brasil. Nesse dia, numa atividade científica sobre o racismo como um demônio que nos habita, Ignácio Alves Paim Filho, membro titular com função didática, pergunta até quando será o único negro em nossa instituição.

Ao indagar-se sobre o seu papel nas condições de acesso ou exclusão de colegas negros, negras e indígenas para o ingresso em seu Instituto de Psicanálise, a SBPdePA institui um grupo de trabalho, posteriormente denominado de Comissão Ubuntu (coordenadora: Eliane Grass Ferreira Nogueira), para criar um projeto que contemple essa questão. O Grupo de Estudos Colonialismo, Desigualdade e Racismo também é organizado e traz importantes estudos e palestrantes (coordenadores: Janine Severo, Leonardo Francischelli e Sandra Fagundes). Várias reuniões gerais e assembleias permitem uma discussão ampla que culmina na aprovação, em Assembleia Geral Ordinária do dia 27 de abril de 2021, do Projeto Ubuntu – Programa de Bolsas Formação Psicanalítica do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de



Comissão Ubuntu (da esq pra dir): Janine Maria de Oliveira Severo, Rosa Santoro Squeff, Beatriz Saldini Behs, Caroline Milman, Ignácio Alves Paim Filho, Lisiane Milman Cervo, Ane Marlise Port Rodrigues e Elaine Grass Ferreira Nogueira

Porto Alegre para Profissionais Negros, Negras e Indígenas das áreas de Psicologia e Medicina.

Para viabilizar o projeto, é criado o fundo financeiro a partir de uma porcentagem do lucro de atividades da SBPdePA e de doações espontâneas de pessoas físicas e jurídicas. Em outubro de 2022, publica-se no site da SBPdePA o primeiro edital para uma vaga. A bolsa outorgada à pessoa selecionada soma-se à bolsa já em andamento da fase piloto do projeto. O segundo edital público para mais uma vaga está previsto para julho de 2023.

Se já é complexo escrever um texto a muitas mãos, imagine-se escrever sobre um tema ainda desconhecido e difícil. Nesse contexto dos começos, a Comissão Ubuntu depara-se com a tarefa de escrever o Projeto Ubuntu ainda em 2020.

Nosso inspirador colega Ignácio escreve o primeiro parágrafo e fomos nos encorajando a colocar em palavras nossas inquietações e percepções. Assim, nos aventuramos por territórios até então desconhecidos, enfrentando a nossa ignorância. Começamos a estudar, escrever,

aprender, discutir, sofrer, entender, novamente escrever, num ciclo alucinante para, em tempo hábil, entregar o projeto para discussão e a desejada aprovação. Foi um trabalho feito com a nossa alma. Quando surge a denominação Ubuntu, foi como uma costura que, quando termina, a tesoura corta a linha e se encerra a tarefa. Na filosofia africana, Ubuntu significa o valor do coletivo: "Eu sou porque nós somos". Um coletivo de pessoas se junta para produzir solidariedade, empatia e um modo mais justo e democrático de ingresso na formação psicanalítica.

Quando o Projeto Ubuntu é aprovado, temos um parcial alívio, porque sabíamos que era só o começo de um caminho difícil e sofrido. O racismo traduz o desumano, ou o humano demasiado insano, como canta o músico Renan Barbosa, parafraseando Nietzsche. Poucos fenômenos humanos de destrutividade são tão naturalmente aceitos como o racismo, em todas as regiões do mundo. Está no cerne da sociedade na qual vivemos e é de difícil enfrentamento, porque a branquitude – estado factual e psíquico do privilégio dos brancos, que se veem como medida do universal, da superioridade e do humano, e que está introjetado em brancos e negros – não o encara para a necessária discussão e, ao contrário, promove o seu silenciamento e o seu apagamento. O grupo sabia da solidão que enfrentaria e isto uniu os integrantes em torno do trabalho, mesmo considerando o apoio da Diretoria, do Instituto e de parte da membresia.

Após a aprovação do projeto e a fase piloto, seguia-se a tarefa de trazer bolsistas, o que implicava aumentar os recursos

financeiros. Ocorreram mudanças de membros do grupo, mas também tivemos a entrada da ex-presidente da SBPdePA, gestão 2020/2021, Ane Marlise Port Rodrigues (atual coordenadora da Comissão Ubuntu). A nossa maior apoiadora em sua gestão era agora uma Ubuntu. Tivemos uma consciência definitiva de quão importante e inovador era o Projeto Ubuntu e dos desafios de sua implementação. Uma nova escrita foi realizada por Ane Marlise, com participação da Comissão, para que o projeto alçasse voo até a IPA. Tínhamos realizado algo inédito na América Latina e em outras regiões da IPA: bolsas raciais e étnicas pagas por pelo menos

Ao recebermos a notícia do prêmio, respiramos com ar renovado por termos alcançado o reconhecimento formal da instituição fundada por Freud.

cinco anos, para viabilizar que o ingressante tivesse assegurado o período inicial de sua formação psicanalítica. Além da bolsa mensal, estava isento do pagamento da mensalidade da instituição e das taxas cobradas pela IPSO (valor assumido pela Associação dos Membros do Instituto da SBPdePA – AMI), pela OCAL e pela ABC (que isentaram os bolsistas das referidas taxas).

Ter o reconhecimento da IPA, quanto ao mérito inovador junto aos Institutos de Psicanálise e humanitário na luta contra o racismo, preconceito e discriminação, destaca a importância de as instituições psicanalíticas adotarem ações antirracistas e não discrimina-

inatórias. É também um reconhecimento à SBPdePA, que destina uma porcentagem de seus ingressos financeiros ao projeto, e a todos os colegas apoiadores da SBPdePA e de fora dela.

Quando a nova escrita do Projeto Ubuntu (atualizada e dirigida ao prêmio IPA, do Comitê IPA na Comunidade e no Mundo) foi enviada por nossa coordenadora, pensamos na importância das sociedades componentes da IPA conhecerem as dimensões possíveis de ações afirmativas a partir delas mesmas.

Ao recebermos a notícia do prêmio, respiramos com ar renovado por termos alcançado o reconhecimento formal da instituição fundada por Freud, nossa instituição maior. Fechasse um ciclo com esse aval, mas outro inicia. O Projeto Ubuntu agora é um projeto IPA: um projeto para fazer pensar a psicanálise que praticamos e os psicanalistas que formamos ou desejamos formar. Vamos enfrentar a desigualdade que nós mesmos promovemos com a força que sempre nos pautou, resgatando a dignidade devida a quem esteve injustamente alijado de uma ciência cada vez mais necessária num mundo pautado por desigualdade, individualismo, tecnologia e crescente solidão.

Agradecemos às diretorias da SBPdePA, do Instituto de Psicanálise e da AMI pelo apoio e a todos os apoiadores que estão tornando o Projeto Ubuntu uma realidade. Muito obrigada ao Comitê da IPA na Comunidade e Mundo pelo prêmio recebido e, em especial, a Abel Fainstein, coordenador da área de Preconceito, Discriminação e Racismo da IPA e grande incentivador do Projeto Ubuntu.

As novas faces da adolescência

Vera Elisabethe Hartmann

Diretora de Comunidade e Cultura da SBPdePA

Helena Surreaux

Responsável pela Área de Transmissão da Psicanálise da SBPdePA



A Diretoria de Comunidade e Cultura, por meio da sua Área de Transmissão da Psicanálise, lança o curso "Prints da Adolescência na Contemporaneidade: uma Atualização Psicanalítica".

O curso aprofunda a reflexão na psicanálise da adolescência a partir do foco em diferentes ângulos do percurso adolescente nesse momento da história da humanidade.

O universo contemporâneo, caracterizado pela desconstrução das formas que um dia nos serviram de referência, "rompeu os espelhos da história" (Baudrillard,

1996); os fatos do passado não refletem mais o futuro. Assim, nos perguntamos como trilha a subjetividade adolescente nesse contexto de imprevisibilidade, hiperconectividade, hiper tecnologia e exaustão. Que espelhos refletem hoje o adolescente? Como se vê ante os espelhos do inquietante mundo que habitamos? Subjetividades, ressignificações, identidades confusas, corpos mutantes, espelhos estranhos, violência e sofrimento psíquico são os "prints" que compõem a cartografia multifacética da adolescência contemporânea, que este espaço de

estudo propõe abordar.

Serão 16 aulas, de maio a outubro deste ano, com diferentes professores da SBPdePA e a presença da Dra Charo Maroño (Buenos Aires), professora convidada, buscando capturar as imagens da adolescência contemporânea.

O curso ainda poderá plasmar-se em uma publicação, uma proposta de atualização da psicanálise da adolescência, organizada pela Brasileira, na qual cada item do programa configure um capítulo da obra.

Junte-se a nós!

O programa do curso

- 31.05 – Adolescência e subjetividade contemporânea.
Helena Surreaux
- 07.06 – Resignificações e reordenamento identificatório na adolescência.
César Antunes
- 14.06 – Da puberdade à adolescência: um percurso.
Charo Maroño, convidada da APA, Asociación Psicoanalítica Argentina
- 21.06 – Peculiaridades da transicionalidade no processo adolescente.
Mara Horta Barbosa
- 28.06 – A crise familiar no adolescer.
Astrid Müller Ribeiro
- 02.08 – Como sofre o adolescente?
Caroline Milman
- 09.08 – Adolescência, ato e ato antissocial.
Ane Marlise Port Rodrigues
- 16.08 – Adolescência e corpo: o que marca o adolescente?
Aline Pinto
- 23.08 – Espelhos do corpo, espelhos da alma: distúrbios alimentares na adolescência.
Rosa Avritchir
- 06.09 – O lugar das adições no universo adolescente.
Vera Hartmann
- 13.09 – Adolescência e assassinatos em massa: uma visão psicanalítica.
Ester Malque Litvin
- 27.09 – Adolescência e parentalidade: permanências e mudanças.
Ana Rosa Chait Trachtenberg
- 04.10 – Quando o desfecho é o suicídio.
Fábio Martins Pereira
- 11.10 – Sexualidade e gênero na adolescência.
Juliana Lang Lima
- 18.10 – A escuta psicanalítica do adolescente contemporâneo.
Denise Zimpek
- 25.10 – Como se sai da adolescência?
Paula Sarmento Leite



Charo Maroño
convidada da APA, Asociación Psicoanalítica Argentina

Aconteceu

Em 16 de março, tivemos uma atividade no formato híbrido, organizada pela equipe do CAP (*foto*), com a finalidade de rever e **discutir dois conceitos fundamentais da técnica psicanalítica: neutralidade e abstinência**. O enfoque abordado foi a atualização desses conceitos no período pós-pandemia. Os psicanalistas convidados para a atividade foram Lores Pedro Meller (membro efetivo com função didática), Heloisa Zimmermann (membro associado da SBPdePA) e Ana Cláudia Meira (membro em formação do Instituto da SBPdePA), que apresentou uma vinheta clínica, possibilitando uma rica discussão.



A partir da criação do Projeto Ubuntu, há dois anos, um grupo de colegas, sentindo a necessidade de estudar e debater sobre o tema, criou o Grupo de Estudos sobre Colonialismo, passando a realizar reuniões quinzenais. Concomitantemente, o grupo tem participado de congressos, entre os quais, o 5º Congresso Psicanalítico da Língua Portuguesa (CPLP). Desta forma, a nossa sociedade tem sido bastante representada junto às demais federadas do Brasil e da América Latina. Conforme a deliberação da última assembleia, **o grupo passou a Núcleo de Estudos Sobre o Colonialismo**, certamente ampliando as demandas de estudo, conhecimento e reconhecimento sobre o tema.



No dia 11 de maio, ocorreu a **eleição da nova diretoria e do novo conselho da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família**, sendo eleitas a colega **Ana Rosa Trachtenberg**, como presidente, e a colega **Cynara Koppitke**, para o conselho. Nos dias 19 e 20 de maio,

na **PUC do Rio de Janeiro (RJ)**, foi realizado o **Simpósio da Associação (foto)**. Foi um encontro acolhedor com uma troca de ideias e experiências muito rica, organizado pela diretoria de Maria Lucia de Souza Campos Paiva. No encerramento, ela passou o bastão para a diretoria eleita.



Eliane Grass Ferreira Nogueira representou a **Brasileira** falando do projeto Ubuntu na VI Bienal Psicanálise

e Cultura, ocorrida em Ribeirão Preto (SP), em sua participação na mesa "Humanidades Silenciadas".



Ester Malque Litvin participou do 83º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, ocorrido em Lausanne, na Suíça, de 18 a 21 de maio, que teve como tema "Afeto, Teoria...". Ester foi debatedora do relatório de Olivier Bonard, "Os Advogados do Eu", unanimemente considerado difícil.

Tratou-se da primeira participação da Brasileira nesse importante espaço, integrando as seis sociedades brasileiras componentes do CPLF. Todos os que se empenharam para a conquista estão de parabéns. Em especial, saudamos a Ester, pela dedicação representando a sociedade.



Mudanças de categoria – 1º semestre 2023

Ângela Beatriz S. Piva – Passou à categoria de Membro Titular

Beatriz Saldini Behs – Promoção à Função Didática

Christine Nunes – Ingressou como Membro Convidado

Claudia Kowarick Halperin – Passou à categoria de Membro Associado

Rovena Gazola Tavares – Passou à categoria de Membro Titular

Ingressos no Instituto:

Ana Elisa Hallberg,
Gabriela Alves Morsch,
Graziella Comelli da Silveira,
Lorenzo Cogo Pereira,
Mariana Hofmeister Wolf,
Marta Meneghello Müller
Stumpf, Míriam Cristiane
Alves, Renata Telöken e
Helena Liège Dalla Rosa

Artigos

Entre as *lives* e a *life*: uma *bindung* freudiana

Augusta Gerchmann

Membro titular em função didática da SBPdePA

Desde o início de 2020, quando tivemos nossas vidas atravessadas pela pandemia e restamos isolados de nossos meios social, cultural e profissional, afetivamente vivemos um certo desamparo, sentindo-nos com a liberdade roubada, deslocados de nossa zona de conforto, das rotinas e das seguranças com que nos habituáramos. Passamos a trabalhar integralmente em nossos

"bunkers", o que nos levou a sentir também uma relativa perda intelectual, acostumados que estávamos em compensar nosso labor clínico mais solitário com reuniões científicas sistemáticas em nossos agrupamentos.

Recriamos a clínica ao sermos autorizados pela IPA a seguir trabalhando com os nossos analisandos de forma remota. Apesar de muitos resistirem à passagem

de atendimento do divã para um meio de comunicação a distância, instados pelos sentimentos partilhados de dor e desamparo que despontavam, o pensar e o fazer psicanalítico foram soberanos em muitas situações em que o inimigo externo comum a todos ameaçava o equilíbrio da vida psíquica.

Houve resistências de toda ordem, como ocorre frente à perda de qualquer território, ensejando



a sensação de exílio, pelo temor de não conseguirmos lidar com a elasticidade do método dentro dos requisitos psicanalíticos defendidos ao longo do século. O desejo de saúde sobrepujou o preconceito de trabalharmos fora do *setting analítico clássico*, possibilitando uma nova experiência de viver o *setting internamente*. Apesar do “*mundo sobreposto*”, para usar expressão de Puget e Wender, não podíamos perder de vista a transferência-contratransferência a que a empatia convocava, sobretudo o rigor do método que protegia de violações geradas pela sugestão que o momento oportunizava.

Curiosamente, Freud recomendava, em 1912, no treinamento do psicanalista, que este voltasse “seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente”; que se ajustasse “ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor”. E fundamentava sua analogia nos seguintes termos: “Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente” (Freud, 1912/1996, p. 123-133).

Nesse período, fomos ampliando horários porque a demanda exigia. Acordávamos ligando a tela do computador ou do celular, a qual só era desligada ao final do dia, encerrada a jornada dos atendimentos.

Mas não era apenas o atendimento que nos levava às telas. Como parte da resiliência que nos era exigida, fomos atraídos positivamente pelas *lives*. As te-

las passaram a permanecer ligadas após os atendimentos mesmo aos domingos, único dia em que Freud dispensava o analista de sessão.

Assim, foi possível a manutenção da troca científica, em reuniões *on-line* com colegas do Brasil e do resto do mundo. Representou uma possibilidade de não nos perdermos e de não nos afastarmos de nossos grupos sociais, ainda que o tema em debate girasse em torno daquilo de que queríamos nos livrar: a covid-19 e suas repercussões psíquicas pelo mundo.

Nesse contexto, agências que trabalhavam com comunicação digital tornaram-se fontes e “pontes” para que não perdêssemos os en-

Entre tantos excessos utilizados para anestesiá-lo e domesticar a pulsão desenfreada que habita o ser humano, o uso abusivo dos meios de comunicação digital encontrou campo fértil.

contros anteriormente acalorados e regados por debates presenciais, pelos encontros virtuais temperados por recursos visuais, imagens plásticas e uma grande capacidade simbólica para superarmos “a ausência da falta de presença”. Todos os que se viram forçados a manter-se afastados de suas famílias, algumas mais distantes geograficamente do que outras, encontraram no modo remoto uma forma até de ler histórias infantis, com a vitalidade oportunizada pela visão da criança, do outro lado da tela e do oceano, escutando atentamente cada história e escolhendo a sua preferida. E que surpresa quando, no reencontro físico, *O Homem de Biscoito de Gengibre* acabou narrado pela própria criança.

Arrefecendo o estado de solidão e de desamparo, as sucessivas *lives* tornaram-se para alguns fonte de *life*, unindo o que estava afastado e dividido – e mesmo aproximando os que jamais haviam se conhecido. Nessa esteira, as distâncias geográficas diminuíram e pudemos estabelecer trocas com colegas admirados, mas até então nunca alcançados, viabilizando também a difusão e a ampliação do conhecimento.

O termo *live*, traduzido nas transmissões de rádio e TV como “*ao vivo*”, passou a designar reuniões científicas, culturais e sociais, realizadas por meio das redes sociais, substituindo os encontros presenciais e, de alguma forma, servindo de pano de fundo e de palco, concomitantemente, para lidarmos com as frustrações que a passagem do tempo “pandemônico” não findava.

Bem, mas como tudo que pode ter seus aspectos positivos, não podemos deixar de olhar por outro vértice, quando pensamos em intensidade e frequência, parâmetros que discernem o equilíbrio do excesso.

Entretantos excessos utilizados para anestesiá-lo e domesticar a pulsão desenfreada que habita o ser humano, o uso abusivo dos meios de comunicação digital encontrou campo fértil. Pensamos que, em muitos contextos, o que aparentemente representava uma saída de saúde era, em verdade, fuga do próprio isolamento, quando, na clausura, não se queria confrontar a falta que não tinha prazo determinado para findar. Assim entendemos acontecer com muitas pessoas que viveram precocemente a falta de cuidado, depararam-se com um desamparo impossível de ser nomeado pela ausência de palavra que pudesse dar sentido ao vivido e, sobretudo, dar destino a angústias e temores irrepresentáveis.

Nessa esteira, buscamos enfatizar a “*bindung*” freudiana. Segundo Hanns, Freud utiliza “o termo em conexão com a regulação do processo primário, onde se faz necessária a dominação das excitações que circulam livres e precisam ser ‘fixadas/atadas’ para viabilizar a existência do organismo” (Hanns, 1996, p. 293).

Entretanto, ao mesmo tempo que *bindung* diz respeito ao vínculo afetivo, também diz respeito à fixação, ao aprisionamento, à imobilização. Freud emprega a expressão “referindo-se à fixação e à libertação nos processos de circulação nas diversas dimensões psíquicas” (Hanns, 1996, p. 294).

Da mesma forma se põe a ambiguidade das *lives*. De pontes que representaram para conexão entre os indivíduos até o aprisio-

namento nas/pelas redes sociais, pela dependência para compra e venda de produtos e serviços: a *life* passou a constituir uma sucessão de *lives*. E assim se releva inevitável o questionamento: por que, passado o isolamento exigido pelas circunstâncias, muitas pessoas seguem conectadas preferencialmente no mundo virtual, privando-se do contato direto? Pior: não são raras as reuniões familiares em que todos se mantêm ligados às telas, em detrimento da interação com aqueles com quem se sentam à mesa. E, assim, permanece-se conectado ao que está longe e desconectado do que está perto.

Pensando na contingência e na superação que vivenciamos, organizamos uma jornada para brindar-nos com representantes de diversas nacionalidades que

se dedicam a investigar diferentes formas de adições e dependências. Assim como muitos se tornaram dependentes das redes e plataformas sociais, entendemos que a *bindung* freudiana, entre formar laços e aprisionar, tocou direta e inadvertidamente a *life* dos que encontraram, nas *lives*, uma forma de lidar com o desamparo gerado pelo sombrio tempo que a pandemia nos obrigou a *viver*.

Referências:

Freud, S. (1996). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 123-133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

As adições

Silvia Brandão Skowonsky

Membro titular com função didática da SBPdePA

O termo adições tem uma interessante etimologia: do latim “*addictus*”, que significa “escravo por dívida e o próprio corpo é dado como garantia”.

Joyce McDougall, em 1978, nomeou os comportamentos adictivos e desenvolveu a noção de adição como um “estado de escravidão”.

A adição é um agir que demanda uma ação específica, um ato que configura uma dependência desta condição de demandar o efeito de uma ação externa ao sujeito, cujo resultado é destrutivo.

Proponho, para pensar, que a presença desse destrutivo pre-

existe e equivale ao efeito de experiência vivida, que repete um desencontro ou descuido, ou traumatismo experimentado como uma violência, que se atualiza *a posteriori* numa repetição não transformada deste desprazer vivido.

Cristina Lindenmeyer observa que essa problemática implica em dois temas: “uma ausência de conflito psíquico e um funcionamento autodestrutivo no qual o sujeito está fixado”. Nessa dimensão, interroga sobre a modalidade de presença do analista na dinâmica transferencial com esses pacientes. E propõe que o trabalho da cura “parece se resu-

mir em reencontrar o caminho de uma representação que foi ‘afogada’ pelo comportamento adictivo”.

Então, penso numa forma-de-ação, com os dispositivos do método intermediando transformações. O extraordinário e o ordinário compõem o viver! Entretanto, o sofrimento demanda solução. Repetir, repetir até transformar!

Me inspiro no legado de Freud sobre a importância do modelo do Método e a especial ênfase no controle da sugestão, posição que inventou a psicanálise. O controle da sugestão ainda hoje é um guardião da praxes



do psicanalista, em especial no campo de expressão do agir em ato, principalmente no trabalho clínico com as adicções – no qual a importante problemática da compulsão à repetição configura e se expressa numa ação que demanda e requer intervenção quando o risco de vida se torna iminente.

Nesses casos, mediante apoio de trabalho interdisciplinar no controle do risco destrutivo, é a alternativa que implica no resguardo do Método da Psicanálise com o controle da sugestão.

Pensar a clínica das adicções, um ato, um agir sem linguagem, condição que se vincula ao desamparo e ao despreparo, convoca revisar os fundamentos e principais conceitos da psicanálise.

Modelo e Método da Psicanálise de Freud propõe alcançar a arquitetura dos caminhos singulares e originais da experiência vivida.

A verdade vivencial da própria história.

A proposta da psicanálise consiste em alcançar narrativas de uma original versão, pois não importa como aconteceu a história, mas sim seu relato possível.

A psicanálise sustenta a perspectiva do possível trabalho para saber de si próprio, na tarefa de elaboração do sofrimento.

O objeto da psicanálise interroga o campo do inconsciente enquanto expressão da experiência do vivido, autêntico fio condutor da singularidade.

Razões de por que a psicanálise nasceu com a descoberta do inconsciente e com a morte da sugestão. Assim, prioriza compreender o singular do sofrimento.

O desafio significa interrogar e entender essa trama complexa que tece as pessoas em todas as suas diferenças! Afinal, uma generalização é impossível, tamanha a variedade de alternativas. Então, essa perspectiva invalida a posição que se apoia em precon-

ceitos genéricos, de teorias ou de psicopatologias.

Ponto que um modelo conceitual de teoria oferece a perspectiva como uma bússola, para orientar a direção das interrogações na clínica.

Saber e não saber, conhecer e ignorar jogam um papel importante no cumprimento do destino da origem para viver, entre o passado e o futuro, sem ferir a autonomia e a autoria para cuidar-se.

A especial dialética entre autonomia e sujeição cria efeitos na independência para pensar.

A adicção é um agir que demanda uma ação específica, um ato que configura uma dependência desta condição de demandar o efeito de uma ação externa ao sujeito, cujo resultado é destrutivo.

O modelo que Freud propõe, desde a metapsicologia, situa o valor da mediação psíquica e a importância do trabalho psíquico para a elaboração de representações, articulação indispensável da atividade do campo psíquico no movimento de simbolizar.

Assim, os excessos de intensidades que ingressam no psiquismo, endógenas ou exógenas, requerem um elaborado trabalho de ligação que resulta na mediação psíquica.

A noção de representabilidade é central para compreender o Modelo da Metapsicologia, de 1915, e o Modelo de 1920 em diante, que, reunidos, compõem o arcabouço teórico da construção da psicanálise de Freud, com horizontes válidos ainda hoje.

A proposta de Freud, com a concepção conceitual de um modelo de Aparelho Psíquico como um Sistema de Representações, envolve a noção

de uma capacidade de elaboração própria em nível psíquico. Um ego. Uma mediação interna indicando um sujeito psíquico, sujeito do inconsciente, campo do intrapsíquico.

O Modelo da Dimensão Psíquica supõe *trabalho psíquico*, como o trabalho onírico, o trabalho do luto, o trabalho do sintoma e a possibilidade do trabalho em análise com a transferência.

Essa noção de dimensão psíquica propõe o modelo das formas de ação do inconsciente, as que resultam do trabalho psíquico, como os sonhos, os atos falhos, os chistes e a transferência, assim como os sintomas, mas esses são resultado de conflito psíquico, mediado com o trabalho do recalque.

Um modelo de psiquismo com um inconsciente das representações inscritas com a pulsão sexual, campo da sexualidade humana, e um inconsciente que abriga aquilo que não criou representações, o não representado, e o irrepresentável, campo do instinto de morte, com a compulsão à repetição.

Seguimos descrevendo o psiquismo como um sistema de representações. Nesse contexto, o valor da noção de repetição adquire complexidades importantes, como o cuidado de identificar o tipo de inconsciente que se expressa na repetição.

Lembro que o tema da repetição é central neste processo de elaboração de teorias, desde Freud, pois justamente abre a perspectiva de abordagem clínica.

O conceito de compulsão à repetição com o correlato destrutivo, para desligar intensidades e retorno à ausência de tensão, efeito do instinto de morte, tem grande diferença do conceito de repetição com a demanda da realização de desejo, que consiste na força do elemento ligador,

com Eros, pulsão de vida, numa intrincação pulsional, para o trabalho de mediação do ego, um trabalho de ligação psíquica, que afinal *é uma capacidade do ego, um gestor da possível realização de desejos.*

Observa-se, na compulsão das adições, a configuração de dependência a uma ação específica externa ao sujeito, mas com efeitos destrutivos.

Repetição do descuido vivido por ausência, ou por violência ou por excessos de traumático, portadora de uma peculiar ausência de ligações simbólicas úteis ao zelo próprio, como um guardião de si mesmo ausente.

O predomínio da força presente no inconsciente impulsiona um agir, campo da repetição, que corresponde ao ato psíquico, que resulta do retorno do recalcado, ou ainda campo da compulsão à repetição, daquilo não mediado psiquicamente sem figurabilidade.

O desafio clínico reside quando existe uma ausência de conflito psíquico e um funcionamento autodestrutivos. Indicando a presença de compulsão à repetição, um desligado do instinto de morte, repetindo, em agir, as intensidades da experiência traumática vivida, sem mediação de trabalho psíquico. Ou ainda repetindo no agir um irrepresentado, com falha ou falta de inscrição, o não simbolizado, evidência da perspectiva de um vazio ou ausência representacional.

Quando ocorre uma falha na criação de recursos de um aparelho psíquico, que permanece aquém da capacidade de articular-se em representação de figurabilidades, na linguagem com a palavra, será apenas território aquém da psicanálise?

Os desafios da clínica aquém da neurose demandam uma adequação no trabalho com o Método da Psicanálise, com o peculiar destas radicalidades atualizadas na dimensão do agir.

Esses desafios impõem a Freud uma ampliação do modelo conceitual da Metapsicologia de 1915, adequada ao trabalho com o campo da neurose, para incluir o modelo conceitual de 1920, com a noção de compulsão à repetição, introduzindo a noção de Instinto de Morte e o Modelo da Teoria do Traumatismo, incluindo outra fecunda noção para a clínica: o modelo da noção de "*Nachtraglich*", de "*A posteriori (Après-coup)*", um efeito retardado que abre a chance de um reordenamento posterior.

A humana experiência com o crescimento, essa construção do si mesmo e das capacidades psíquicas que resultam em um sujeito original, é composta de potencialidades, limites e recursos.

Organiza-se, nesta perspectiva, um modelo conceitual e teórico com recursos clínicos, úteis para pensar o campo da atualização de intensidades com insuficiência de representação, de desligados, mediante a repetição.

Freud propõe, na clínica, o Modelo do Transferível, que implica em repetição de duas dimensões distintas: daquilo vivido na experiência de prazer, atravessado pelo efeito do recalçamento, assim uma atualização do desejo que insiste; e a repetição da compulsão, do vivido com a experiência de desprazer, por evidências de excesso de intensidades, do traumático, ou ainda por efeitos de traumatismos por falha de resposta, da função adequada do semelhante, assim repetição com desprazer e angústia, por excessos de intensidades do traumático, atualização do desamparo e de despreparo.

E ainda a compulsão à repetição do instinto de morte desentrelaçado, que é um mudo que tende ao retorno do estado anterior, de ausência de tensões ou de intensidades, que tende a desligar.

Freud reconhece que a transferência é um instrumento de cura. Isso porque a transferência é uma verdadeira repetição atemporal que se atualiza em novo tempo e lugar. Assim, a transferência é um processo de transporte, com a repetição, na atualização daquilo vivido anteriormente, da experiência de prazer ou de desprazer, para objetos contemporâneos atuais.

A possibilidade, na clínica, de interrogar problemáticas inconscientes atualizadas pela transferência conduz à identificação do contexto de origem do sofrimento, que se expressa em figurabilidades ou no agir, vindo de outro tempo, assim campo para reflexão *a posteriori*, e de possível transformação da demanda de me cura para o trabalho de elaboração, para alcançar um curar-se.

O método é o recurso para interrogar o discurso e o agir de um sujeito da transferência, uma repetição atualizada da sugestionabilidade, que é afinal um despreparo, efeito de contradições de desamparo.

Sabemos que o ser humano nasce despreparado, na dependência absoluta do semelhante, que é o portador da ação específica para sobrevivência.

É nesta paradoxal posição, lugar de plenitude e de sujeição, portadora de um potencial alienante, porém também constitutivo e construtivo, onde se desenha a articulação entre atividade e passividade, entre interno e externo e entre dependência e autonomia, e a singularidade da autoria de recursos para ser e estar no mundo.

Essa marca humana de nascer, somos biologicamente

desamparados e psiquicamente despreparados, constitui o ponto de partida da humanidade, perspectiva incluída no modelo conceitual do criador da psicanálise.

Ensinou Freud que a aparelhagem psíquica humana nasce apoiada em articulações entre o endógeno, o exógeno, e intersubjetivas, na intermediação parental, que marca o lugar do outro, um semelhante.

Perspectiva de um modelo de constituição psíquica com caminhos construídos do biológico ao psíquico, com o herdado e o adquirido, numa singular experiência que nos torna sujeitos únicos.

Do tempo originário, biologicamente despreparado para realizar a ação específica para sobrevivência, nascem as primeiras experiências de satisfação, resultantes das ações específicas, portadas pela função do semelhante cuidador, que aliviam as tensões de necessidade, para conservação da vida, e instauram a inscrição de marcas mnêmicas.

Essa vivência de satisfação apoia as primeiras inscrições de representações psíquicas. Assim, a origem de nova dimensão, caminho do autoerotismo com sua evolução psicosssexual, na direção de maturação da sexualidade, e de um ego com recursos para autoria de desejar, de simbolizar, para pensar com autonomia de ser e existir no mundo, com qualidades apropriadas.

A humana experiência com o crescimento, essa construção do si mesmo e das capacidades psíquicas que resultam em um sujeito original, é composta de potencialidades, limites e recursos.

Aquisição evolutiva, valiosa da dimensão psíquica, campo privilegiado e sede das criativas formas-de-ação do inconsciente.

Sonhos, atos falhos, chistes, sintomas e transferências atemporais são as evidências enigmáticas e produtivas de um sujeito psíquico, um sujeito do incons-

ciente, do desejo, sujeito das identificações, da intersubjetividade e da cultura.

Um sujeito da fome e do amor!

Singularidade que tece o discurso amoroso de um sujeito. Mas que muito depende de cuidadores capazes, é o especial lugar do semelhante na constituição *de um sujeito psíquico, marcas da intersubjetividade originando a subjetividade.*

Sempre existirá o improvável do aleatório e o impossível.

Vulnerabilidades humanas de ser e de estar no mundo.

O pensar é o substituto do desejo alucinatório, e pensar o agir transforma o ato, com o arbítrio. Assim, um domínio que torna possível a autoria na eleição da qualidade da realização do desejo.

Capacidades originadas no campo dos cuidados primários, da função da dupla parental, fundantes e fundamentais.

A presença de um estranho, um verdadeiro estrangeiro com atributos de fundador, marca na origem das capacidades humanas uma cicatriz do desamparo. Origem que também contém a marca do desamparo, que é um traumatismo do despreparo. Raiz de vulnerabilidade, que configura a sugestibilidade.

Surge a indagação: será que essa condição de origem, que poderia configurar a raiz da dependência humana, também abriga uma facilitação para a adicção, uma dependência que se expressa com a compulsão à repetição?

O comportamento adictivo repete e recria a dependência absoluta de origem, mas de efeito destrutivo. Pois sem a presença de um guardião interno de preservação de si próprio.

Com a *ênfase* na repetição, na direção de ligar o excesso de excitação do traumático, mas com um ato como a adicção, no lugar de representações psíquicas de

simbolização, útil para eleição da ação envolvida na demanda de zelo próprio, opera apenas a compulsão do agir adicção.

Assim, o risco do destrutivo, pois a compulsão à repetição transforma-ato-solução em um risco de agir destrutivo.

Repetindo uma demanda que no tempo originário não encontrou eco, e que insiste recriando o mesmo, a cena de algo ausente em si próprio e buscando a solução em algo externo.

Desafios da clínica das adicções.

Pergunto: que perspectivas interrogar para, numa atualização, continuarmos trabalhando com os recursos do Modelo da Psicanálise a problemática da compulsão nas adicções em relação *ao prognóstico e o tema da cura?*

O tema dos limites e alcances do método.

A psicanálise tem muitas perspectivas interessantes.

Qual será o objeto da indagação da psicanálise, o objeto da análise, na compulsão à repetição no campo das adicções?

Então a pergunta seria apenas de como a psicanálise alcança uma repetição, de um desligado com o risco da destrutividade?

Algumas modificações se impõem na tarefa clínica, especialmente no modelo de intervenção, no qual a função analítica precisaria construir o sentido e as ligações ausentes com o dispositivo da construção.

Todos nós temos mil maneiras de nos contar! O que demanda e supõe escutar, interrogar, analisar, pensar, para construir elaborações.

Porém, no que consiste a cura se não nesta fantástica e simples transformação, de um desconhecer caminhos de saber para uma recuperação de um próprio saber de si?

Articulação que equivale a uma autêntica cicatrização.

A subjetividade usurpada no universo “todo-conectado”

Júlio Sperb

Membro do Instituto da SBPdePA
Médico pela Universidade Federal de Pelotas



Grandes avanços tecnológicos nos inundam com novos mal-estares. Nossa sociedade vem sofrendo uma intensa revolução no que tange à conectividade por meio dos meios digitais. A imersão e a inserção à grande rede, a esse “todo-conectado”, criam novos (ou atualizam os já existentes) paradigmas com os quais passamos a nos deparar. O impacto é tamanho que altera até mesmo a percepção da realidade física. Por exemplo, a foto postada nas redes sociais (como o Instagram) começa a ter um valor maior do que a realidade em si. Nestes acontecimentos, sobre os quais tenho certeza de que não lhe faltam exemplos, começamos a nos deparar com danos inevitáveis à subjetividade. Voltando à foto das redes: por meio do ângulo, do cenário, da iluminação, de filtros e tantas coisas mais, define-se uma cena a ser apresentada. Cena esta escolhida dentre as dezenas ou centenas de fotos tiradas. A busca por essa imagem faz se desvanecer a pessoa outrora ali presente, a retira da cena. Não nego que há muito do que possa ser subjetivado por meio das redes, trata-se de um novo lugar amplo e diverso, um enorme espaço em potencial; mas, neste ponto que trago, penso no falso-*self* de Winnicott, em como neste novo lugar amplo e diverso se torna, paradoxalmente, um imponente labirinto no qual é muito fácil se perder. O sujeito que ali deveria habitar, com suas falhas, seus defeitos, suas alegrias

e suas diferenças, dá lugar a personagem. Não há tempo (lugar) para ser falho.

A impaciência inerente da correria contemporânea se explicita no exemplo a seguir, dos áudios de WhatsApp. Essa plataforma permite comunicar algo que não precisa ser visto/lido/ouvido em tempo real e permite que se faça isso por texto, áudio, imagem ou vídeo. Naturalmente, os meios mais utilizados são texto e áudio. Para quem recebe, ouvir um áudio requer que se dedique mais tempo do que

O fenômeno do “ChatGPT” reforça ao mundo a ideia de uma máquina que sobrepuja o ser humano.

para ler o “mesmo” conteúdo em forma de texto; entretanto criar um áudio, via de regra, é mais rápido do que escrever a mesma mensagem, pode-se fazê-lo inclusive ocupando-se de outra coisa. As aspas no “mesmo” são necessárias — o áudio tem nuances exclusivas, como o tom, as pausas; o texto também pode ter suas exclusividades, dependendo da dupla ali presente. De toda forma, há um impasse: se quer ganhar tempo falando, mas não se dedica para ouvir; como dizem os adolescentes, “sem tempo, irmão”.

A “solução” encontrada: criar uma função em que o áudio é tocado em velocidade aumentada. Se subtrai um enorme espaço de escuta que vai muito além dos segundos usurpados — é arrancada a possibilidade de troca, nela se esvai a disponibilidade da escuta. Torna-se normal e rotineiro passar correndo por aquilo que o outro nos comunica, ouvir enquanto se ocupa de outras coisas. Em outras palavras: não se ouve ninguém. É um diálogo entre personagens, não entre sujeitos.

E assim chegamos à Inteligência Artificial, o tema do momento. Essa é uma área da ciência e da tecnologia que cria máquinas inteligentes capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana, isto é, tarefas que requerem um certo tipo de discernimento e evolução. Neste ano, fomos introduzidos à viralização do “chatGPT”, um modelo de linguagem que usa uma rede neural treinada com texto da Internet. São chamadas de redes neurais por serem inspiradas justamente no cérebro humano, trabalhando em um sistema análogo a camadas de “neurônios”. São alimentadas por um enorme montante de dados, e assim passam a ser capazes de reconhecer padrões e relações, evoluindo com cada nova iteração*, tornando-se cada vez mais eficientes. Palavra importante: eficientes. Ora, aqui falamos da importância dos resultados na cultura vigente — nada basta senão ser o melhor, e o melhor é rápido e eficaz.

O fenômeno do “ChatGPT” reforça ao mundo a ideia de uma máquina que sobrepuja o ser humano, capaz de superá-lo como um ser pensante. O que é um irreverente contrassenso, afinal, não é nem um ser, nem é pensante. Esta Inteligência Artificial é capaz estritamente de lidar com dados, mas bem sabemos: não são apenas os dados que importam.

Quando adentramos a sala de análise, lidamos e ouvimos justamente o que é subtraído. Não falamos de dados, falamos do “a mais”. Daquilo que é individual e capaz de ser subjetivado, da experiência emocional. É um aspecto fundamental estarmos atentos às sutilezas da experiência humana, compreendê-la, vivenciá-la. E

também aceitarmos que há muito do que não podemos saber — o inefável. Isto só é passível de ser abordado mediante um vínculo entre dois seres humanos — aqui, entre o analista e o paciente. O “ChatGPT” é, inclusive ele mesmo nos diz isso, incapaz de compreender as emoções, de entender a complexidade da psique humana, as nuances da personalidade que cada um tem. É incapaz por não ter isto que nos ocupamos de pensar, repensar, trabalhar, por não ter humanidade. A “cura pela fala” não se dá só pelo que é falado, mas depende de como é falado, por quem e para quem. Essa relação intersubjetiva fundamental implica a existência do espaço dialético entre duas psiques.

E é na falta de um espaço capaz de subjetividade que esses três exemplos (a foto, o áudio e a Inteligência Artificial) se interligam. O longo e árduo processo em que nossas figuras parentais nos possibilitaram habitarmos em nós mesmos é colocado em conflito com um universo no qual o próprio corpo passa a ser virtualizado. Onde é que habitamos mesmo, afinal? Penso que aí chegamos nesses novos/atualizados mal-estares. A tão difícil e complexa pergunta “quem é você?” não tem vez no mundo das respostas. Creio ser lugar da psicanálise se adentrar e tentar questionar essa face do mundo que é tão eficiente e ao mesmo tempo tão sem graça, tão sem recheio.

*Iteração significa repetição. É um termo usado na computação para se referir a um segmento de código de programação que se repete, e onde o resultado da iteração anterior é utilizado na seguinte. Assim, a cada iteração, há o resultado (experiência) acumulado das anteriores.

Telas na vida cotidiana: do criativo ao adictivo

Vera Hartmann, Nicole Campagonolo e Carmen Prado

Diretoria de Comunidade e Cultura

O teólogo belga Lawrence Beyerlinck, no século XVII, observou que “o espelho adoce a alma”. De lá para cá, passamos do simples espelho para uma sofisticada busca de imagens cada vez mais belas e otimizadas. O fenômeno das telas, além de produzirem uma replicação das *selfies*, contém o que podemos designar de um “ímã” que atrai, que chama, que desconcentra e que, por vezes, altera consideravelmente a realidade.

Durante uma palestra sobre tecnologia, a psicoterapeuta e professora da Universidade de Nova York Esther Perel, especialista em relacionamentos contemporâneos, desenvolveu o fascinante tema

da “intimidade artificial”. Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Habitualmente, quando nos relacionamos, nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção parece estar sempre dividida entre as pessoas e o celular. Nesse contexto, é possível uma intimidade real com alguém ou alguma coisa? Para ela, as mídias funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Quando algo desconfortável se materializa, parte-se para o mundo controlado das telas e isso nos distrai do que é verdadeiramente humano.

O filósofo e escritor Gilles Lipovetsky e o crítico de arte Jean

**Vera
Hartmann**



**Nicole
Campagonolo**



**Carmen
Prado**



Serroy, no texto “*O virtual e o sensual*”, citam que, nas sociedades das redes virtuais, os indivíduos passam o tempo diante das telas em vez de se encontrarem e viverem juntos. Comunicam-se de modo digital, em vez de falarem diretamente. Com o cibersexo, as pessoas não fazem mais amor, o parceiro “faz o que quero”, numa espécie de onanização da sexualidade. Enquanto o corpo deixa de ser a ancoragem real da vida, caminharíamos para um universo descorporizado. O interessante é que os autores se questionam: “é mesmo essa a lógica abstrata e desencarnada que nos rege?”. Eles explicam que, na verdade, na medida em que tudo se acelera e que uma parte notável da nossa vida é passada diante das telas, vemos ascender novas valorizações da dimensão sensorial ou sensível. As pessoas buscam os prazeres sensitivos, como os *boardsports*, a decoração, os jardins, a natureza, mas também o luxo, a gastronomia, os produtos, os vinhos de qualidade, as paixões turísticas, o desejo de ver, descobrir e sentir as belezas do mundo. O mundo virtual engendra uma forte necessidade de contrapeso, que se torna veículo de tatilidade e de sensorialidade. É essa a ironia de nossa época: quanto mais nosso mundo se torna imaterial e virtual, mais se assiste à ascensão de uma cultura que valoriza a sensualização, a erotização, a “hedonização” da existência.

Chama-nos a atenção e nos preocupam as exposições precoces a determinados estímulos virtuais. Pesquisas mostram um aumento de indicadores de autismo e perda da capacidade intersubjetiva nos bebês que são muito expostos às telas, além de um aumento do isolamento entre os adolescentes devido ao tempo na Internet e um crescimento do suicídio em meninas adolescentes em função do uso de aplicativos de

redes sociais, como Facebook e Instagram.

Sob o ponto de vista da psicanálise, vivemos tempos de uma sociedade narcisista, na qual o indivíduo vive muito em função de seus próprios interesses, pouco importando o coletivo e o bem-estar social. Além disso, o consumismo, a prontidão e o imediatismo evidenciados nas famílias contemporâneas pouco

Enquanto o corpo deixa de ser a ancoragem real da vida, caminharíamos para um universo descorporizado.

contribuem para a busca por novos desafios e para o amadurecimento pessoal. Vivemos tempos em que não há falta, há pouco espaço para o reflexivo, assim como para a criatividade. O indivíduo pode desenvolver-se intelectualmente numa escala altíssima, mas como fica a sua capacidade de interação e de simbolização, com as suas figuras imaginárias e reais? Como ser criativo num mundo em que as pessoas recebem tudo pronto em poucos minutos ou segundos?

Nessa linha, Lipovetsky e Serroy nos falam que há um narcisismo paradoxal que se manifesta, a tal ponto que ele se mostra dependente da relação com os outros. Enquanto se desenvolvem os videogames e as comunicações virtuais, os indivíduos têm cada vez mais o gosto de sair à noite, vão à casa de amigos, ao restaurante, participam de festivais e de festas. O indivíduo hipermoderno não quer apenas o virtual, ele plebiscita o “live”. E eles concluem que, quanto mais ferramentas de comunicação virtual existem, quanto mais telas *high-tech*, mais esses indivíduos procuram se encontrar, ver gente, sentir uma ambiência.

De posse de tantos apontamentos e questionamentos, a Diretoria de Comunidade e Cultura convidou para um debate a educadora e economista Cláudia Costin e a psicanalista Maria Cecília Pereira da Silva. Com toda a sua experiência no cenário educacional e social, dentro e fora do país, Cláudia Costin nos brinda com os seus comentários a respeito de temas tão desafiadores como as adições às telas e a criatividade. Honrosamente, Maria Cecília Pereira da Silva, psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), trará para a discussão o olhar sobre o desenvolvimento emocional da criança e do adolescente e a participação da psicanálise neste cenário em que vivemos atualmente.

Todos os interessados no tema serão muito bem-vindos. O evento é aberto à comunidade e especialmente pensado aos professores, pais e estudantes.

A atividade faz parte da Jornada Científica da SBPdePA 2023, cujo tema é Adições e Dependências – Reflexões e Transformações.

31 de agosto – quinta-feira

20h às 22h

Evento com a comunidade

Telas na Vida Cotidiana:

do Criativo ao Adictivo
Cláudia Costin e
Maria Cecília Pereira

Atividade híbrida:

sede da SBPdePA e webinar com interatividade via Zoom, sem tradução.

Inscrições pelo site sbpdepa.org.br

Presencial:

ingresso solidário (2kg de alimentos não-perecíveis).

Vagas limitadas.

A adicção como sintoma psíquico

Larissa Biessek Sberse

Psicóloga pela PUC/RS (2022), mestranda em Psicologia Clínica pelo PPG Psicologia/PUCRS (2022), psicanalista em formação pela SBPdePA



O uso de substâncias está presente na humanidade desde os seus primórdios e tem uma história longa, com substâncias psicoativas sendo utilizadas para fins recreativos, medicinais ou ritualísticos (Silva, Souza, Chaves, Meireles & Cardoso, 2019). O abuso de substâncias é um problema de saúde que ocasiona os mais variados prejuízos para diversos países (Edwards, Maurer, Harenski & Kiehl, 2021).

Avançando na linha cronológica do tempo, percebe-se que o uso recreativo de tais substâncias não diminuiu. Tanto o comércio como o consumo vêm aumentando em todo o mundo, apesar de campanhas de conscientização desenvolvidas por instituições governamentais e não-governamentais. Nesse sentido, o uso abusivo de drogas tem se tornado um problema de saúde pública (Tomaz & Cardozo, 2021).

Sigmund Freud, em *"O Mal-Estar na Civilização"* (1930), afirmava que: "A vida, tal como nos tem sido imposta, acaba ficando muito pesada, nos impõe sofrimentos excessivos, decepções, empreendimentos impossíveis. Para suportá-la não podemos dispensar paliativos. Existem três desses recursos: distrações poderosas que reduzem a nossa miséria; satisfações substitutivas que a diminuem; substâncias inebriantes que nos tornam insensíveis a ela".

As diferentes teorias psicanalíticas compreendem as adicções

a partir das mais variadas perspectivas. Dentre elas, algumas consideram suas origens nos vínculos parentais, outras partem de estruturas da mente e há também aquelas que o fazem partindo de estados mentais. Para Salim & Santos (2018), a toxicomania é um modo de existência no qual a droga se torna central, funcionando como um objeto privilegiado da pulsão. Nesse sentido, a necessidade da toxicomania é embasada no funcionamento pulsional dos indivíduos e não apenas na fisiologia.

Comumente, notamos o quanto as pessoas abandonam as atividades no seu cotidiano, bem como as suas rotinas, concentrando-se apenas na sua relação com a droga, fazendo com que ela se torne cada vez mais o seu objeto de consumo. Além disso, a droga oferece o que nenhum outro prazer pode alcançar, e os indivíduos entram em uma espécie de prazer inesgotável. Nesse sentido, ocorre uma construção e uma manutenção dessa forma de obtenção de prazer de maneira imediata, a qual é inalcançável por outras vias (Salim & Santos, 2018).

Freud (1930) salienta que: "Os métodos mais interessantes para evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo o sofrimento nada mais é do que sensação, existindo apenas na medida em que o sentimos. O mais grosseiro, embora

também o mais eficaz, desses métodos de influências é o químico: a intoxicação".

O uso de substâncias também pode ser visto como uma forma de satisfação pela via do consumo, indo ao encontro da completude e da felicidade plena e instantânea, contudo efêmera. Nesse sentido, o ritmo reverenciado pelo consumo acaba resultando na criação de falsas necessidades, as quais alimentam o falso desejo dos indivíduos, que ficam cada vez mais alienados na busca incessante de um objeto de consumo, para tamponar o vazio existente em seu Eu. Ademais, à primeira vista, o investimento da libido nesses objetos poderia ser visto, de forma desatenta, como um investimento objetal, entretanto, nada mais é do que um investimento narcísico.

Ávidos pela sensação de bem-estar – ou seria não sentir? –, completa-se o ciclo do consumo, buscando o prazer que foi obtido na primeira dose, assim como o êxtase prometido pela ingestão e buscado desde a primeira mamada e o abandono do seio materno.

Apesar do efeito imediato de prazer e satisfação, a dependência da substância resulta em sofrimento clinicamente significativo, aprisionando o sujeito a um modo de satisfação libidinal que é atingido apenas a partir da substância. Nesse sentido, a obtenção de prazer é regulada única e exclusivamente pelo regime do gozo, pelo

qual só a droga satisfaz o indivíduo de forma solitária, resultando em sujeitos que não conseguem mais reconhecer outras fontes de obtenção de prazer.

Um paradoxo se instaura na vida dos usuários de substâncias, pois, apesar do consumo da substância estar ligado ao anestesiamiento do sofrimento, quando a pulsão destrutiva se faz presente, a necessidade do uso de substâncias se instaura. A função do uso da droga, a partir da necessidade imperativa do gozo, agora relaciona-se com uma busca de satisfação partindo da via do sofrimento. A compulsão à repetição se instaura na vida dos sujeitos, e a principal característica é a atração através do sofrimento.

Não é somente a dependência orgânica que está em questão no tratamento da dependência química, pois, se assim o fosse, um tratamento de desintoxicação traria bons resultados: a droga sairia do organismo, e os sintomas relacionados à síndrome da abstinência cederiam. Contudo, sabe-se que, mesmo após períodos prolongados de abstinência, os indivíduos apresentam recaídas frequentes, visto que o uso da substância relaciona-se intrinsecamente com um meio de alívio da angústia.

Freud (1926-1929) cunhou o termo *viscosidade* ou *adesividade da libido*, o qual explica que as formas de satisfação obtidas pelo sujeito são difíceis de abandonar, visto que, uma vez que um objeto é investido pela libido e traz satisfação, o sujeito apresenta dificuldades importantes em se desvincular dele. Nesse sentido, durante o tratamento, é importante que os sujeitos possam falar a respeito da função que a droga ocupa na vida deles.

Engolfado no mal-estar da civilização, o sujeito toxicômano apresenta uma impossibilidade de elaboração psíquica, par-

tindo de ser quem “consome a droga para ser consumido pela substância”. Mas, ao final, as toxicomanias apresentam-se igualmente fracassadas, pois o sujeito precisa novamente se deparar com o vazio que tanto o amedronta quando se faz necessária a interrupção do uso para a manutenção da vida.

Os indivíduos se encontram em uma existência aprisionada e em um circuito de altos e baixos, visto que o uso da substância forja a pretensão de completude que se dissipa ao final da experiência de satisfação, quando o indivíduo não tem outro caminho a não ser retornar à temida realidade.

Os instintos de Eros e Thanatos começam então a apresentar uma relação conflituosa, pois, ao passo em que tentam satisfazer de forma simultânea as exigências do corpo, também tentam responder ao pensamento. Esse conflito tornar-se-ia insuportável caso não existissem momentos em que ocorre o encontro com um objeto ou com uma meta, apaziguando o sujeito diante da angústia resultante do anseio de satisfação. Contudo, nas toxicomanias, ocorre uma fixação no objeto droga e, como em toda relação de fixação pulsional em um objeto que é visto como insubstituível, o sujeito terá que arcar com as consequências resultantes desta escolha. No caso da fixação na droga, percebe-se que a pulsão de morte venceu, pois é ela que alimenta esse tipo de relação enrijecida com o objeto, a qual coloca o sujeito em um estado de inibição frente ao seu desejo.

Dessa forma, conclui-se que a droga opera a serviço da pulsão de morte, pois não coloca o sujeito em um movimento à procura de caminhos que o aproximem do encontro com objetos que permitiriam a satisfação do desejo. Muito pelo contrário: a droga paralisa e silencia.

Referências:

Edwards, B. G., Maurer, J. M., Harenski, C. L., & Kiehl, K. A. (2021). Psychopathy, borderline personality disorder, and substance use in incarcerated females. *Criminal Justice and Behavior*, 48(12), pp. 1732-1748. Recuperado de < <https://psycnet.apa.org/record/2021-98747-004> > em 13 de junho de 2023.

Freud, S. (1937-1996). Análise terminável e interminável. *Obras Completas*, v. 23. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930-1936). O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos - *Obras Completas*, v. 18. Tradução de Paulo César de Souza.

Freud, S. (1926-1929). Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos – *Obras Completas*, v. 17. Tradução de Paulo César de Souza.

Silva, M. dos S. ., Souza, M. P. de, Chaves, F. B. ., Meireles, E. ., & Cardoso, R. de O. (2019). Comorbidades psiquiátricas desenvolvidas mais frequentemente aos dependentes químicos – revisão bibliográfica. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, 2(4), pp. 208–212. Recuperado de < <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/257> > em 13 de junho de 2023.

Tomaz, E. L., & Cardozo, A. de O. L. (2021). O lugar do sintoma na adicção sob a perspectiva da psicanálise: um olhar dirigido aos adictos. Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia, apresentado pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Recuperado de < <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20152/1/ARTIGO%20ESTEVE%C3%83O.pdf> > em 13 de junho de 2023.

Evento

Entre adicções e dependências: a nossa XV jornada científica

Cibele Formel Couto

Diretora Científica

Camila Reinart

Membro do Instituto

O tema das adicções é um vasto campo para estudo psicanalítico e vem sendo o foco de trabalho da Comissão Científica. De que forma a psicanálise pode contribuir no campo das adicções e dependências? Que reflexões podemos fazer em termos do uso da técnica? Quais transformações ocorreram ao longo dos anos nessa área, muitas vezes tangente ao meio psicanalítico? Como a neuropsicanálise pensa essas questões? Nas adicções, o sujeito luta contra si mesmo, se torna um escravo do objeto adictivo?

A psicanálise pode encontrar um caminho para esses pacientes via transferência?

Essas são algumas das questões que fomos nos perguntando no trabalho conjunto com a Comissão da Jornada para formatar mais um grande evento de trocas científicas: nos dias 31 de agosto, 1 e 2 de setembro de 2023, ocorrerá a XV Jornada Bianual da SBPdePA, intitulada "Adicções e Dependências: Reflexões e Transformações".

Imaginamos que todos nós, após os últimos anos vivendo a

pandemia, sentimos falta de nos encontrarmos pessoalmente. Porém sabemos que o *on-line* veio para ficar e é um auxílio na ampliação das nossas conexões com o mundo. Dessa maneira, teremos a primeira jornada híbrida da nossa SBPdePA, ocorrendo no Hotel Hilton, em Porto Alegre. Nossos convidados brasileiros estarão presencialmente, enquanto os internacionais participarão de forma remota. Isso nos possibilitará uma estimulante troca entre diferentes continentes: Europa, África e América Latina.

Para aquecer esse debate, convidamos cinco conferencistas:

Claudia Spadazzi (psicanalista e membro titular da Sociedade Psicanalítica de Roma, psicóloga clínica, ginecologista): nossa convidada italiana estuda sobre adicções à pornografia e o quão devastador pode ser o impacto do uso abusivo das telas com conteúdos pornográficos no desenvolvimento psicosssexual.



ação de caráter impulsivo e irrefreável, que pode incidir sobre uma grande diversidade de objetos e situações e produzir um estado de escravização diante dos mesmos.

José Alberto Zusman (psicanalista e analista didata da SPRJ, pós-doutor IPUB/Harvard, *chair* da subcomissão de Adicção da IPA, membro da Comissão de Saúde da IPA, professor do programa de pós-graduação em psiquiatria e saúde mental da UFRJ): "somos todos potencialmente adictos?", questiona Zusman. Ele apresenta a ideia da diferenciação entre o eixo da dependência (o qual refere ser inerente à vida, o caminho para a ligação e para a sobrevivência psíquica) e o eixo das adicções (no qual não há um compromisso de crescimento e desenvolvimento saudável, mas uma busca ineficaz para manter-se vivo).



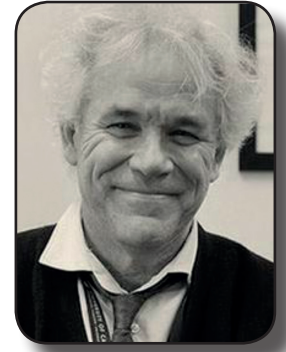
Decio Gurfinkel (psicanalista, membro dos departamentos de psicanálise e de psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae): o autor de diversos escritos e livros, como *Adicção: Paixão e Vício*, irá discutir sobre a insustentável dependência do ser, definindo a adicção como uma





Norberto Marucco (psicanalista membro titular da APA, atualmente diretor do Instituto de Psicanálise Angel Garmá): o psicanalista argentino apresentará uma conferência intitulada "A dependência e seus ideais: as obscuridades do psiquismo".

Mark Solms (psicanalista SAPA e APSSA, neuropsicólogo): o nosso convidado sul-africano é reconhecido por suas pesquisas, seus diversos livros publicados e seu uso pioneiro de métodos e teorias psicanalíticas na neurociência contemporânea. Teremos a oportunidade de escutá-lo apresentar "Uma perspectiva neuropsicanalítica das adições".



O sucesso da atividade de lançamento da jornada, em que os psicanalistas da SBPdePA Ana Paula Terra Machado e Celso Halperin nos brindaram com uma bela exposição de ideias e questionamentos sobre as adições e dependências, já nos antecipa o sucesso desse grande evento.

Seguindo em alto nível, no nosso primeiro encontro preparatório, tivemos a oportunidade de escutar a psicanalista Cristina Lindenmeyer (APF) proferir a palestra "As compulsões no campo das adições: figuras da pulsão de

morte", com consistentes comentários de Silvia Skrowonsky (SBPdePA) sobre o tema.

Ainda teremos mais dois encontros preparatórios para a nossa jornada. No dia 1º de julho, receberemos as psicólogas Elisa Cardoso Azevedo, doutora em psicologia (Ceapia), e Viviane Amaro da Silveira, neuropsicóloga (Ceapia), para pensarmos sobre "O uso e o abuso das telas e as suas implicações no neurodesenvolvimento". No dia 6 de julho, as psicanalistas Vera Mello (SBPdePA) e Ângela Piva (SBPdePA) vão abordar as questões vinculares,

em "As interfaces entre vínculos e adições".

É importante destacar que todo o trabalho para a formatação da nossa jornada vem acontecendo com uma equipe muito dedicada e competente. Às colegas Ana Claudia Meira, Camila Reinart, Claudia Halperin, Clarissa Leonardi, Carmen Prado, Eliane Nogueira, Fabiana Grass, Fernanda Felipe, Luciana Schmal, Rosa Avritchir, Siana Cerri e Vera Hartmann, o nosso muito obrigada!

Contamos com a presença de todos os colegas. Até lá!

Onde atuamos

Representantes da SBPdePA junto a órgãos nacionais e internacionais:

Aline Pinto da Silva – Representante da SBPdePA como Delegada de Infância e Adolescência junto à FEPAL 2023/2024 e Coordenadora de Formação da Infância e Adolescência da SBPdePA.

Ana Rosa C. Trachtenberg – Integrante do Comitê Novos Grupos da IPA (ING) como link com ILAP e Presidente da Associação Brasileira de Casal e Família.

Ângela Beatriz S. Piva – Representante do Comitê de Família e Casal da COWAP – Comitê IPA de Psicanálise da Criança e do Adolescente.

Claudia Halperin – Representante da SBPdePA na Comissão Editorial da Revista CALIBAN (FEPAL).

Denise Zimppek Pereira – Representante do Conselho Diretor da FEBRAPS, como secretária geral da FEBRAPS, e participa também da Comissão de Vínculos de Casal e Família da própria FEBRAPS.

Ester Malque Litvin – Representante da SBPdePA como membro do COCAP (Comitê IPA de Psicanálise da Criança e do Adolescente).

Helena Surreaux – Diretora de Admissão e Formação do ILAP (Instituto Latino Americano de Psicanálise).

Janine Maria de Oliveira Severo – Representante da SBPdePA na Comissão de Psicanálise, Racismo e Práticas Antirracistas e Integrante da Comissão da Diretoria Comunidade e Cultura da FEBRAPS. Integrante comissão da Diretoria de Conselho Profissional da FEPAL. Coordenadora do Grupo de Núcleo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade da SBPdePA.

Juliana Lang – Representante da SBPdePA no COWAP (Comitê Mulheres e Psicanálise) da IPA/FEPAL.

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld – Representante da SBPdePA na Comissão de Psicanálise de Casal e Família na FEPAL e na FEBRAPS.

Rosa Aizemberg Avritchir – Delegada do Conselho Profissional da FEBRAPSI.

Vera Maria P.H. Mello – Integrante na Comissão da Infância e Adolescência na FEBRAPSI. Representante

da Presidência da SBPdePA nas reuniões trimestrais, junto ao Group 4 de Presidentes de Sociedades filiadas à IPA.

Representantes do Instituto/Fepal e Febrapsi:

Camila Reinert – Representante da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA como tesoureira da OCAL (Organização de Candidatos da América Latina).

Cristiane Schlindwein – Secretária da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA, Comissão de Estudos Psicanalíticos sobre Racismo e Práticas Antirracistas da FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise).

Cristina Wunsche – Representante da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA na Comissão de Infância e Adolescência da FEPAL. Coordenadora do projeto Semear/FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina).

Gabriela Seben – Representante dos membros do Instituto no COWAP (Comitê Mulheres e Psicanálise) da IPA/FEPAL e integrante da curadoria do Observatório Psicanalítico.

Giuliana Chiapin – Representante na Comissão de Infância e Adolescência FEPAL. Representante da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da

SBPdePA na IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization).

Gustavo Gazzana – Representante da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA na ABC (Associação Brasileira de Candidatos).

Ian Nathasje – Presidente da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA.

Karla Aquino – Conselheira sul da ABC (Associação Brasileira de Candidatos) e Tesoureira da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA.

Júlio Sperb – Vice-presidente da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA.

Marcela Pohlmann – Representante da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA na OCAL (Organização de Candidatos da América Latina).

Rafaela Degani – Representante da AMI (Associação dos Membros do Instituto) da SBPdePA e integrante da Comissão Científica FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina).

Thércio Andreatta – Presidente OCAL (Organização de Candidatos da América Latina).

Grupos de Estudos, Núcleos e Comissões da Brasileira:

Grupo de Estudo de Winnicott: Astrid Ribeiro, Paulo Picarelli, Denise Haerberle, Caroline Milman, Ester Litvin, Celso Halperin, Cláudia Halperin, Fátima Fedrizzi, Maria Isabel Pacheco.

Coordenadora: Cláudia Halperin

Núcleo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade: Ane Marlise, Cristiane Schlindwein, Fernando Kunzler, Eliane Nogueira, Thércio Brasil, Patrícia Goldfeld, Augusta Gerchmann, Mara Brum, Miriam Alves.

Coordenadores: Janine Severo, Leonardo Francischelli e Sandra Fagundes

Núcleo de Infância e Adolescência: Adriana Ampezzan, Aline Santos e Silva, Kellen Gurgel Anchieta, Vladia Schmidt.

Coordenação: Heloisa Zimmermann

Núcleo de Vínculos: Ana Rosa C. Trachtenberg, Ângela Piva, Astrid Ribeiro, Cynara Kopittke, Denise Zimpek Pereira, Heloisa Zimmermann, Patrícia Goldfeld, Paulo Picarelli e Vera M. Mello, Tamara Barcellos Jansen Ferreira, Mara Horta Barbosa, Rosa Avritchir. *Coordenação:* Patricia Goldfeld

Comissão Científica: Camila de Araújo Reinert, Claudia Kowarick Halperin, Clarissa Leonardi Padilla, Fabiana Britto Grass, Fernanda de Azevedo Bortoli Felipe, Luciana Saraiva Schmal.

Coordenação: Cibele Formel Couto (Diretora Científica)

Comissão de Comunidade e Cultura: Carmen Prado, Denise Zimpek, Helena Surreaux, Nicole Campagonolo, Paula Daudt Sarmento Leite, Vera Viuniski. *Coordenadora:* Vera Hartmann (Diretora de Comunidade e Cultura)

Comissão de Divulgação: Aline Santos e Silva, Cristina Wunsche, Iuri Oliveira.

Coordenação: Heloisa Zimmermann (Diretora de Divulgações)

Comissão do Projeto Ubuntu: Lisiane Cervo, Rosa Squeff, Janine Severo, Patrícia Goldfeld, Beatriz Behs, Eliane Nogueira, Ignácio Paim.

Coordenadora: Ane Marlise Port Rodrigues

Comissão Editorial da Revista Psicanálise: Catherine Lapolli (SPPel), Fábio Pereira, Maria Isabel Pacheco, Patrícia Goldfeld, Rodrigo Boettcher, Susana Beck.

Editora: Sandra Gehling Bertoldi

PROGRAMAÇÃO

31 DE AGOSTO | QUINTA-FEIRA

20:00 | 22:00 – **EVENTO COM A COMUNIDADE** Auditório SBPdePA

- TELAS NA VIDA COTIDIANA: DO CRIATIVO AO ADICTIVO

Cláudia Costin e Maria Cecília Pereira

Debatedor: César Augusto Antunes

Coordenação: Vera Elisabeth Hartmann

Secretaria: Carmen Nogueira

Atividade híbrida: presencial na sede da SBPdePA e via Zoom, webinar com interatividade (sem tradução)

Inscrição solidária: 2kg de alimentos não perecíveis | **Vagas limitadas**

01 DE SETEMBRO | SEXTA-FEIRA

8:00 | 9:00 – **CURSOS**

Atividades híbridas consecutivas, presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade (sem tradução)

- Curso 1: **INTOXICAÇÃO POR/DAS TELAS** Auditório Mercosul

Maria Sonia Goergen

Coordenação: Cláudia Haetinger

- Curso 2: **DESVALIMENTO** Sala Buenos Aires

José Facundo Passos de Oliveira, Liliana Alvarez e Nilda Neves

Coordenação: Nora Helena Pastori Steffen

- Curso 3: **UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE EPIGENÉTICA E PSICANÁLISE** Sala Montevideo

Paula Esteves Daudt Sarmento Leite e Renato Coelho

Coordenação: Gabriela Seben

9:00 | 11:00 – **TEMAS LIVRES**

11:00 | 11:30 – **INTERVALO**

11:30 | 13:00 – **CONFERÊNCIA I** Auditório Mercosul

UMA PERSPECTIVA NEUROPSICANALÍTICA DAS ADICÇÕES

Mark Solms / África do Sul (online)

Coordenação: Heloisa Zimmermann

Secretaria: Fernanda de Azevedo Bortoli Felipe

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade com tradução

13:00 | 14:00 – **INTERVALO**

14:00 | 15:30 – **CONFERÊNCIA II** Auditório Mercosul

SEXO, DROGAS, TELAS E ROCK'N ROLL

Claudia Spadazzi / Itália e José Alberto Zusman / Brasil (online e presencial)

Coordenação: Aline Pinto da Silva

Secretaria: Aline Santos e Silva

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade com tradução

16:00 | 17:30 – **MESAS REDONDAS**

Atividades híbridas consecutivas, presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar sem interatividade (sem tradução)

- Mesa 1: **QUANDO O OBJETO TRANSICIONAL FALHA E SE TORNA UM OBJETO ADICTIVO** Auditório Mercosul

Celso Halperin, Helena Surreaux e Lisiane Milman Cervo

Coordenação: Tamara Barcellos Jansen Ferreira

Secretaria: Miguel Ângelo Deitos

- Mesa 2: **LIMITES ENTRE HÁBITO E VÍCIO** Sala Buenos Aires

Flávio Roithmann, Sílvia Brandão Skowronsky e Vera Maria H. Pereira de Mello

Coordenação: Rosa Beatriz Santoro Squeff

Secretaria: Maria Isabel Ribas Pacheco

- Mesa 3: **NEONECESSIDADES: POTENCIALIDADES ADICTIVAS**

Sala Montevideo

Ângela Beatriz S. Piva, Astrid Elisabeth Muller Ribeiro e Gildo Katz

Coordenação: Eliane Grass Ferreira Nogueira

Secretaria: Míriam Cristiane Alves

17:30 | 18:00 – **COFFEE BREAK**

18:00 | 19:30 – **CONFERÊNCIA III**

A DEPENDÊNCIA E SEUS IDEIAS: AS OBSCURIDADES DO PSIQUISMO

Norberto Marucco / Argentina (online) Auditório Mercosul

Coordenação: Augusta Gerchmann

Secretaria: Claudia Kowarick Halperin

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade

MOMENTO ARTÍSTICO-CULTURAL

19:45 | 20:15 – **MESA DE ABERTURA**

Palavras da Presidente: **Astrid Elisabeth Muller Ribeiro**

Palavras da Diretora do Instituto: **Laura Ward da Rosa**

Palavras da Diretora Científica: **Cibele Formel Couto**

Prêmio da XV Jornada

20:15 | 21:15 – **CONFERÊNCIA DE ABERTURA** Auditório Mercosul

ADICÇÕES E DEPENDÊNCIA: REFLEXÕES E TRANSFORMAÇÕES

Decio Gurfinkel e José Alberto Zusman (presencial)

Coordenação: Cibele Formel Couto

Secretaria: Luciana Saraiva Schmal

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade sem tradução

02 DE SETEMBRO | SABADO

08:00 | 09:00 – **CURSOS**

Atividades híbridas consecutivas, presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade (sem tradução)

- Curso 1: **INTOXICAÇÃO POR/DAS TELAS** Auditório Mercosul

Maria Sonia Goergen (online)

Coordenação: Cláudia Haetinger

- Curso 2: **DESVALIMENTO** Sala Buenos Aires

José Facundo Passos de Oliveira, Liliana Alvarez e Nilda Neves

Coordenação: Nora Helena Pastori Steffen

- Curso 3: **UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE EPIGENÉTICA E PSICANÁLISE**

Sala Montevideo

Paula Esteves Daudt Sarmento Leite e Renato Coelho

Coordenação: Gabriela Seben

09:00 | 10:30 – **MESAS REDONDAS**

Atividades híbridas consecutivas, presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar sem interatividade (sem tradução)

- Mesa 4: **O RACISMO COMO UM FENÔMENO ADICTIVO** Auditório Mercosul

Ane Marlise Port Rodrigues, José Damico, Leonardo A. Francischelli e Wania M. Cidade

Coordenação: Juliana Lang Lima

Secretaria: Ana Cláudia Santos Meira

- Mesa 5: **O DESTINO DOS VÍNCULOS FRENTE À DEPENDÊNCIA DAS TELAS** Sala Buenos Aires

Cynara Cezar Kopittke, Denise Zimpek T. Pereira e Eluza Maria Nardino Enck

Coordenação: Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

- Mesa 6: **A BUSCA NÃO SIMBÓLICA DE ANESTESIA À DOR** Sala Montevideo

Christiane Vecchi da Paixão, Hemerson Ari Mendes e Renato Trachtenberg

Coordenação: Lísia Leite

Secretaria: Nicole Campagnolo

10:30 | 11:00 – **INTERVALO**

11:00 | 12:30 – **DIÁLOGO COM CONVIDADOS** Auditório Mercosul

ADICÇÕES: UM CONCEITO PARA A PSICANÁLISE?

Claudia Spadazzi, Decio Gurfinkel, José Alberto Zusman e Norberto Marucco (online e presencial)

Coordenação: Astrid Elisabeth Muller Ribeiro

Secretaria: Camila de Araújo Reinert

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade sem tradução

12:30 | 14:00 – **INTERVALO**

14:00 | 15:30 – **CONFERÊNCIA IV** Auditório Mercosul

A INSUSTENTÁVEL DEPENDÊNCIA DO SER

Decio Gurfinkel/Brasil (presencial)

Coordenação: Rosa Aizemberg Avritchir

Secretaria: Siana Pessin Cerri

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade

15:30 | 17:00 – **COMO A CLÍNICA ACONTECE** Auditório Mercosul

MANEJO CLÍNICO DAS ADICÇÕES

José Alberto Zusman e Ana Rosa Trachtenberg (presencial)

Coordenação: Sandra Gehling Bertoldi

Secretaria: Giovana Borges

Atividade híbrida: presenciais no Hotel Hilton e via Zoom, webinar com interatividade

MESA DE ENCERRAMENTO DA JORNADA

JANTAR POR ADESÃO